

Relatos selvagens de uma menina pacata...

Dora Tognolli

Na pandemia

Preciso te contar uma coisa que está me preocupando: fui cancelada e parei de ser seguida no Instagram por várias amigas. E eu sei o que aconteceu: sigo o Dan Bilzerian. E ele está sendo alvo de um movimento feminista, tipo me too. E minhas amigas não se conformam que eu seja sua seguidora...

A tranquilidade que vinha acompanhando Maria, durante os meses da pandemia, foi perturbada por esse relato: desconheço o personagem midiático que ela cita, razão dos cancelamentos no Instagram. Ela conta que se trata de um jovem americano milionário, de origem armênia, eleitor de Trump, que desfila mansões, carros e casas por onde passa. O ponto que chocou as amigas de Maria refere-se ao uso que ele faz de belas mulheres, que seduz com muito dinheiro.

Maria é uma garota misteriosa e complexa: durante dois anos de análise, pude tomar contato com suas camadas contrastantes. Os pais são separados, e Maria tem uma relação bastante tumultuada com a mãe, com quem reside. No primeiro contato com o pai, ele pede que eu guarde sigilo sobre nossa conversa, pois isto poderia inviabilizar o trabalho e criar um conflito com a mãe, “mulher muito difícil”(sic). Uma pequena mentira, mas que chama minha atenção, e põe em questão os papéis que a família de Maria destinou a cada um dos membros. Desde logo, fica clara a relação próxima e íntima entre Maria e seu pai: uma espécie de casal parental dentro do grupo familiar - essa é minha hipótese.

As primeiras sessões com Maria são pautadas por queixas endereçadas à mãe, a casa suja e mal cuidada, a hostilidade que Maria enfrenta, diante de uma mãe que não se conforma com o divórcio e vive jogando na cara dela que ela que tem uma vida boa, pois o pai banca tudo e a protege. Mãe e filha vivem em guerra crônica.

Entremeado a esse relato do grupo familiar, Maria conta de um jovem, que a procura sistematicamente: eles se encontram, ela passa uma noite na casa dele, fica envolvida, e ele a devolve, nunca a assumindo como namorada. Passo a escutar quem é esse jovem: poucos anos mais velho que ela, conheceram-se na escola, pois ele era repete e estava atrasado nos estudos. Parece um relacionamento secreto, uma espécie de tabu, que Maria só compartilha com suas amigas mais íntimas e agora comigo.

Esse jovem passa a ocupar nossas sessões: Maria conta inúmeras vezes o mesmo roteiro: ele aparece, implora que ela o veja, vem buscá-la com seus carrões, ela passa a noite na sua casa, até o próximo encontro, que nunca se sabe quando ocorrerá. O relato se repete, e Maria fica na mão, bisbilhotando a vida sexual dele, sua coleção de namoradas, seus porres, suas noitadas. Um conluio masoquista, me parece, no qual Maria desfruta de um certo gozo.

Vale frisar o contraste entre o jovem e Maria: ele, milionário, vagabundo, playboy, irresponsável, poderoso; e ela, classe média, boa aluna, inteligente, culta. Maria nunca se considerou namorada dele, e sequer faz essa cobrança.

Certa vez, com tons de garota bem esperta e preparada sexualmente, me disse que ele fazia coisas que ninguém faria, que tinha objetos na casa dele que compunham rituais sexuais. Mais recentemente, conta que havia algo nele que chamava sua atenção: ele não permitia que ela tocasse em seu pênis. E ela respeitava essa proibição. Percebi que Maria descrevia um ritual sexual sagrado, do qual era observadora, receptora e participante.

Esse rapaz tinha um lugar especial no imaginário de Maria: ela o aguardava, pensava muito nele e tinha uma fantasia de que nunca se apaixonaria por mais ninguém, como se ele houvesse enfeitiçado sua alma e seu corpo. Eu escutei com muito cuidado esse relacionamento, atribuindo a ele um caráter sagrado.

Ao longo da análise, Maria entrou na faculdade, e passou a ter uma vida pontuada de estudos interessantes, grupos de novos colegas e até baladas, onde se divertia. Seu affair continuava latente, e vez ou outra, os encontros secretos se repetiam, como um núcleo importante de sua vida. Maria me parecia uma menina barrada para o amor, como se fosse posse de alguém proibido e muito desejado.

Eu me pegava torcendo para que ela encontrasse alguém, se apaixonasse, que fosse valorizada, ocupando o posto de namorada oficial. Ao mesmo tempo, procurava suspender radicalmente meus desejos maternos frente à doce e inteligente Maria, aguardando que ela pudesse caminhar em outra direção, em relação a seu grupo familiar, e a suas escolhas amorosas.

Totem e tabu

No texto de Freud, de 1912, *Totem e Tabu*, somos conduzidos a um passeio pela noite dos tempos, onde vai sendo tecida uma conexão muito interessante entre as diversas civilizações e culturas estudadas, e o infantil que nos habita. O desejo do incesto é tematizado como uma das moções pulsionais que engendram os modos do psiquismo. E como o ser humano, desde sua chegada, vai negociando com as regras que encontra e que garantem a montagem dos grupos.

O atendimento de Maria me levou ao referido texto, no qual destaco a figura do “sagrado”, tomado por Freud no seu sentido ambivalente. Esse raciocínio aplica-se ao animal totêmico, proibido e impuro, que, em determinadas festividades, ficava liberado. Oferecido em sacrifício, o animal totêmico fica barrado, mas congrega em si um extremo poder de atração, marcando a identidade grupal.

Totem e tabu tematiza a figura do pai, chefe da horda, cuja figura faz coexistir os afetos de amor e ódio, num jogo tenso, fenômeno central de nossa vida afetiva. Pai primitivo, objeto de uma supervalorização, que ofusca a chegada de cada novo indivíduo. E Freud vai se interessar, na vida psíquica, pelo trabalho que dará a construção de novas tramas, relativizando o lugar desse pai “sagrado” e perigoso.

Na constelação de Maria, as figuras investidas passam por um homem, todo poderoso, e ela, prestando-se a ocupar um lugar sexual de extrema excitação. Seus relatos, que aqui qualifiquei como selvagens, nos conduzem a um arcaico que guarda

relação com a história das civilizações. Maria encontra-se no lugar proibido, e ocupa esse lugar de forma eficiente, sem titubear, numa espécie de sacrifício masoquista, onde se coloca como objeto de prazer do outro.

Na família, representa a guardiã dos interesses do pai, que a elegeu como grande legado de um casamento fracassado e tumultuado. Ela o defende, cuida de suas coisas, coloca-se como escudo diante de uma mãe incapaz e precária. Porém, não percebe que também engendra, sem se dar conta, a separação de um casal que lhe deu origem. Recentemente, diante de uma revisão dos valores pagos pelo pai, Maria fez de tudo para que uma situação a três não ocorresse. Parece que seria insuportável estar diante desse casal como filha, barrada como par sexual desse homem poderoso que é seu pai.

Ao longo de nossas conversas, fui tentando ouvi-la, acompanhar seus questionamentos sobre o lugar por ela ocupado no grupo familiar e junto ao parceiro sexual secreto, sem uma invasão que a assustasse e desmontasse os rituais e cerimônias que Maria construiu, n grupo familiar e na vida sexual.

O espelho

Uma brecha surgiu quando Maria chegou numa das sessões com um novo corte de cabelo, o rosto à mostra e sorridente. Estava feliz e comentei que sua expressão estava bonita. Ela se agrada diante de meu comentário e completa que também está mais à vontade e segura para sorrir porque finalmente seus dentes podem ser expostos: demorou, mas chegou a vez de cuidar dos dentes, tão maltratados e tortos. O tratamento, que deveria ter se iniciado na infância, foi postergado por conta do divórcio agressivo e das brigas entre o pai e a mãe.

Nesse momento, eu me recordo de uma cena que ela havia me contado: quando seu pai saiu de casa, o casal se atracou e houve arremesso de objetos; um deles, um espelho, feriu Maria e a deixou muito assustada. Comentei que agora o espelho poderia ser usado, e que eu faria seu papel, refletindo sua imagem bonita e feminina. Ela se emociona e eu, também. Parece que poderíamos contar com Eros, com a ligação, duas mulheres frente a frente, as duas tendo lugar.

O analista, aqui, convocado para fazer um trabalho de ligação, num jogo das posições psíquicas, algumas adormecidas e outras beirando a experimentação.

O milionário do pôquer, explorador de mulheres, motivo de cancelamentos de amigas de Maria, nos lembra que, dentro de Maria, habita um mundo fascinante, sensual e terrorífico, forjado nas moções pulsionais, que volta e meia retornam e atravessam o recalque.

Concluo, aqui, citando Freud, em seu trabalho sobre o Mal-estar na civilização (1930), que nos lembra que um dos agenciadores dessa inquietude vem a ser nosso desejo, que algumas vezes se precipita em relatos selvagens.

Referências

Freud, S. (2012). Obras completas, volume 11: Totem e tabu (1912-1913). (Souza, P. C. , Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2010). Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização. (1930). (Souza, P. C. , Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Dora Tognolli

Psicanalista. Membro Efetivo e Docente da SBPSP. Psicóloga, Mestre em Psicologia Social (USP).